

AS LINHAS DE FUGA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Alexandre de Lima Castro Tranjan *

Resumo: O presente artigo analisa a obra de Friedrich Nietzsche a partir de cinco vetores temáticos, a saber: linguagem, verdade, niilismo, moral e misoginia. Tais tópicos, abordados sob a égide de uma leitura deleuziana de seus escritos, possibilitam uma discussão a respeito da possibilidade de uma interpretação eminentemente emancipatória, contrariando as historicamente reiteradas tentativas de apropriação pela extrema-direita. Argumenta-se aqui que, apesar de alguns dizeres notadamente reacionários, o autor traçou linhas de fuga rumo a uma filosofia, de fato, do futuro.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche. Gilles Deleuze. Poder. Linhas de fuga. Devir.

FRIEDRICH NIETZSCHE'S LINES OF FLIGHT

Abstract: This paper analyzes the oeuvre of Friedrich Nietzsche from five thematic vectors, which are: language, truth, nihilism, moral and misogyny. Those topics, approached under the light of a deleuziana reading of his writings, make possible a discussion about the possibility of an eminently emancipatory interpretation, contradicting the historically repeated appropriation tries by the far-right. It is here argued that, in spite of some notably reactionary sayings, the referred author traced lines of flight towards a philosophy of the future, indeed.

Keywords: Friedrich Nietzsche. Gilles Deleuze. Power. Lines of flight. Becoming.

Introdução

Em tempos recentes, sobretudo com o desenvolvimento de plataformas digitais de comunicação instantânea, a filosofia de Nietzsche tem se vulgarizado em ritmo espantoso, nos dois sentidos da palavra. Se, por um lado, as plataformas digitais facilitaram significativamente sua difusão, por outro, sua filosofia já fragmentária passou a ser lida como uma mera fonte de citações que servem a qualquer fim desejado. Pela pluralidade de assuntos, de estilos e mesmo de posicionamentos, a obra de Nietzsche acabou por se tornar, no contexto de fóruns digitais e redes sociais, um argumento de autoridade para qualquer tema.

A extrema-direita contemporânea, denominada *Alternative Right* ou, simplesmente, *Alt-right*, foi um grupo que notadamente se apropriou da obra do filólogo

* Graduando em Direito na Universidade de São Paulo (USP). Foi pesquisador-bolsista de Iniciação Científica em Filosofia pelo PIBIC-CNPq (2020-21) e é monitor bolsista do PEEG-USP de Filosofia do Direito (2021-atual). Foi pesquisador-visitante em Filosofia do Direito na Palacký University, em Olomouc, República Tcheca (2021-2022).

da Basileia. O contraditório imoralismo reacionário desse grupo parece, à primeira vista, combinar bem com a cruzada contra o cristianismo empreendida pelo autor. Disso decorreu certa tendência, mesmo da esquerda, a aceitar acriticamente a vinculação “Nietzsche-direita²”. Tal vinculação será, ao final do presente texto, veementemente contestada. Isso será possível após a cuidadosa análise de alguns dos pontos mais controversos de sua obra.

Antes da discussão desses temas, é necessário partir de algumas considerações metodológicas. Em primeiro lugar, importa explicitar o modo de escrita aforístico não como mero acaso, mas como parte constitutiva da filosofia nietzschiana. Ela se fez fragmentária e dispersa ao acaso, mas sim é resultado de um intento de uma filosofia que se opusesse às obras sistemáticas que predominavam naquele período da história da filosofia europeia. Enquanto a filosofia tradicional iluminista se preocupava com a lógica, o sistema, o conjunto englobante e coeso de premissas e conclusões, a Nietzsche interessava mais o *sentido*. Campo aberto, o aforismo é o espaço ideal para o jogo da interpretação, da possibilidade de se traçarem linhas de fuga³.

Se por um lado a obra nietzschiana é aforística e fragmentária, não se pode dizer que a ela falte um projeto – aliás, projetos, em se tratando de uma filosofia plural. O mais relevante deles para a presente análise é o de filosofar com um martelo, que se constitui como um método duplo: em primeiro lugar, auscultar o objeto, para, após, destruí-lo caso não passe na inspeção. O objeto a ser analisado é o ídolo, tanto melhor quanto mais longo (de preferência eterno). Essa figura representa, de maneira geral, crenças consolidadas, seja no campo religioso, seja na metafísica, da linguagem, da moral e da política. Sua inspeção consiste justamente em verificar se são ocus, isto é, se são ideias que se sustentam ou se, na verdade, consistem em meras ilusões (CI, prólogo). Ainda que só tenha sido colocada em termos claros em uma de suas últimas obras, publicada em 1888, veremos, a partir de alguns eixos temáticos, como se desenvolveu uma filosofia *desconstrutiva*, do martelo, desde obras anteriores.

² Nietzsche é descrito como o filósofo mais influente entre todas as correntes da *Alt-right* em: NAGLE, Angela. **Kill all normies**: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the Alt-right and Trump. Aresfold (Reino Unido): Zero Books, 2017, p. 89. A autora corrobora essa vinculação, atribuindo-a à “misanthropia” de Nietzsche.

³ Sobre o sentido nos aforismos, DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 45-6.

1. Linguagem

A fim de introduzir a crítica geral e ampla de Nietzsche aos diversos ídolos que ele identifica, comecemos pela linguagem, de que já tivemos que falar anteriormente a fim de compreender o Regime de Signos do Silício, a partir da ênfase que demos à dimensão pragmática da língua. Perceberemos que Deleuze e Guattari, Foucault, ou mesmo Wittgenstein, não foram pioneiros na compreensão da comunicação a partir de sua política.

Nietzsche entende a linguagem como uma redução a partir de uma convenção em prol da sobrevivência do grupo⁴. Um povo é um algo que se entende internamente, um agregado de pessoas unidas linguisticamente, capaz de se comunicar (ABM, §268). Trata-se, evidentemente, de uma dimensão totalmente político-pragmática da linguagem, depois redescoberta pelos pós-estruturalistas franceses, a exemplo de Deleuze e Guattari, que postularam o caráter eminentemente político da comunicação. Toda linguagem se faz, sobretudo, através de palavras de ordem, designando comandos⁵. Seu campo de incidência é, assim, político, uma vez que não apenas explícita, mas também viabiliza as relações de poder questão produtoras da linguagem, mais que meramente subjacentes a ela. Não se trata de um contexto político que influencia a comunicação, mas sim de uma comunicação ela própria inextrincavelmente política.

Ainda que o tema tenha sido mais bem desenvolvido por sua leitura francesa, a partir apenas de Nietzsche já é possível perceber que a linguagem consiste numa estrutura comunicativa necessariamente produzida no contexto de um *socius*, que por definição é um campo político. E a habilidade em manejar com maestria essa estrutura linguística, que consiste em se fazer entender, em ter algo de comum a todos, de “mediano”, confere ao indivíduo ou ao grupo uma vantagem longe de ser irrelevante (ABM, §268). O manejo da linguagem, isto é, o uso do discurso, evidentemente permite a introjeção de enunciados nos demais membros dessa sociedade, garantindo um controle da própria verdade. Esse controle, como se verá, diz respeito não apenas à produção de um discurso aceito como verdadeiro, mas também à própria constituição de um regime de verdade, determinando regras de aceitação de determinados discursos, preterindo-se outros não necessariamente menos verdadeiros. Eis o conceito de regime

⁴ MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje**: sobre os desafios da vida contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 119-123.

⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 11-3.

de verdade, diretamente derivado de uma vontade de verdade, e que é capaz de produzir o efeito de aceitação desse discurso verdadeiro⁶.

2. Verdade

Todos os filósofos, diz Nietzsche, tentaram, porque dogmáticos, aproximar-se da verdade com uma “terrível seriedade, [um]a desajeitada insistência (ABM, prólogo)”. Essa vontade de verdade, como é designada, perpassa um longo período na história do pensamento. Subjacente a ela está um pressuposto epistemológico de que essa verdade existe, de que ela é alcançável, de que é salutar buscá-la. Mas o que nos faz preferir a verdade à “inverdade? Ou [à] incerteza? Ou mesmo à insciência? (ABM, §1)”.

Portanto, contraposição radical a toda filosofia até então: enquanto esta caçava a verdade de maneira incansável, ao prussiano muito mais interessava saber se uma doutrina teórica é capaz de conservar, de promover a vida, de cultivar a espécie (ABM, §4). Nietzsche sujeita a verdade à dúvida, à possibilidade, a um grande Talvez. Porque é imperativo que se questione o dogmatismo daqueles que em absoluto opõem a verdade, julgando conhecê-la, a tudo o que não corresponde exatamente a esse enunciado. A grande questão por trás dos metafísicos que assumem ter a verdade é a “crença nas oposições de valores” (ABM, §2), que perpassa todo o raciocínio de que verdade=bem, dúvida=inverdade=mal. Uma filosofia da perspectiva, que tenha a audácia de questionar tais dogmas, poderá se situar além do bem e do mal (ABM, §4).

O valor de questionar a verdade, e não apenas sua instrumentalização nas mãos dos ditos dogmáticos, deve-se ao fato de que uma coisa é inextricável da outra. A verdade não existe em si mesma, esperando por sua descoberta, mas sim é inventada, ativamente determinada àqueles que querem extrair dos fatos alguma espécie de discurso verdadeiro (VP, I, §291, 1887). A razão para tal é a de que à invenção da verdade subjaz uma vontade de poder. Essa consiste numa tentativa, num empreendimento, de fazer com que o verdadeiro esteja atrelado de direito ao pensamento, e por isso, os filósofos seriam os donos da verdade, falando literalmente. O homem não ama a verdade, mas sim o poder que vem de monopolizá-la⁷. Ingênuo acreditar que quem se diz conhecedor da verdade tenha algum interesse altruísta nisso. Ou ele não quer ser enganado, ou não quer enganar nem a si mesmo.

⁶ FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France (1979-1980). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014, p. 92.

⁷ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Op. cit., p. 123.

Para Nietzsche, a vontade de verdade pressupõe a consideração do mundo como um ambiente de aparências, de engodo⁸. Por isso a vontade de verdade é um niilismo, no sentido que afirma o mundo como um falso a ser negado. É uma aniquilação da vida em prol de um ideal além-da-vida, de uma descoberta que, como já visto, consiste, a bem dizer, numa invenção⁹. Tal discurso sobre a verdade fica evidente, por exemplo, na filosofia de Platão, que sugere um mundo inteligível como ideal superior ao mundo sensível que, no fim das contas, é o real, mundano (CI, IV). Os niilismos, de maneira geral, são exatamente esse tipo de forma de negação do mundo.

3. Niilismo

Nietzsche é vulgarmente chamado de “niilista” por seu projeto desconstrutivo, de desvalorização de todos os valores a partir da filosofia do martelo. Sua descrença nos ídolos é tida como crença em nada e, por isso, é comum que se fale que ele era um autor “niilista”. Se tal raciocínio é até válido nessa acepção de um niilista como um descrente em valores tradicionais, definitivamente não se trata do sentido nietzschiano da palavra.

Nietzsche acreditava que, ao longo da história, construiu-se uma rede de filtragem de afetos, negando-os ou os selecionando. Essa cuidadosa e politicamente motivada filtragem dos afetos corresponde ao niilismo¹⁰, um amplo empreendimento de negação da vida em prol de algum ideal ou, no que diria Nietzsche em seu período final de autoria, um ídolo.

Entre as diferentes doutrinas niilistas que se apresentaram ao longo do tempo, pode-se falar do próprio conceito de progresso, tão caro à modernidade, que nada faz senão negar a vida, negar o agora, por um valor futuro, pelo amanhã¹¹. Os iluministas de sua época, grandes defensores dessa evolução, pressupondo que a humanidade caminhará num caminho mais ou menos reto e para frente, para melhor, venderam o discurso cientificista e tecnicista — por vezes inclusive tentando empreender uma doutrina moral a partir disso: o utilitarismo inglês (ABM, §228)¹² —, fazendo-nos crer no progresso tecnológico como espécie de redenção.

⁸ *Idem*, p. 124.

⁹ *Idem*, p. 125.

¹⁰ MOSE, Viviane. **Nietzsche hoje**. Op. cit., p. 43.

¹¹ *Idem*, p. 47-8.

¹² Há inspiração nietzschiana sobre a conhecida frase de Rawls, de que “o utilitarismo não leva a sério a distinção entre as pessoas” (no original: “utilitarianism does not take seriously the distinction between persons”), em RAWLS, John. **A theory of justice**. 2nd, revised ed. Cambridge, Massachusetts (EUA): The Belknap Harvard University Press, 1999. p. 24. Nietzsche aponta justamente que essa moral de

Resultado desse cientificismo é o abandono do cristianismo como norte moral, legal, epistemológico único da sociedade. Tal fenômeno histórico-filosófico é denominado por Nietzsche como a morte de Deus (GC, III, §125). A alegoria em questão mostra exatamente o modo como o iluminismo procedeu para erigir em seu lugar uma nova religião, marcada pelo humanismo, pela ciência e pelo racionalismo. *Deus não morre, vira ciborgue*, poderíamos dizer. Mas essa crença geral no progresso já apresenta sinais de desgaste.

Nietzsche chama de “último homem” a figura de um sujeito passivo, alienado de sua vontade, após a decadência da crença otimista no progresso, também um niilismo. Tudo para este sujeito é vão, é inútil, não vale a pena ser perseguido¹³. O último homem é o sujeito de desempenho, do cansaço, que Byung-Chul Han descreve. “Por demais mortos para viver e por demais vivos para morrer¹⁴”, os últimos homens experienciam um prolongamento antinatural da vida ao mesmo tempo em que a esvaziam com o niilismo do consumo. A mercadoria como objeto único de desejo, uma vida pela compra, é isso que constitui a realidade contemporânea após a queda do Muro de Berlim e a derrocada das esperanças de superação do sistema capitalista e de seu niilismo¹⁵.

O último homem não é, porém, de fato último. Porque há a possibilidade de se rebelar contra esse estado, contra a ausência de vontade. É transformando o nada de vontade em vontade de nada, de autodestruição¹⁶. Prenúncio de uma nova criação, o “homem que quer morrer” percebe o estado deplorável em que ele, como último homem, encontrava-se e, por isso, deseja a todo custo destruir a si¹⁷. É a partir dessa destruição que é possível erigir um novo homem. É chegada a hora do *Übermensch*, o super-homem, um novo tipo totalmente afirmativo e livre das amarras do niilismo. Aurora de um novo tempo, de uma nova realidade para o ser humano. O super-homem

rebanho inglesa opera uma uniformização ética, pressupondo que todos seriam iguais, mediocrementemente iguais, mensuráveis a partir de certo tipo de cálculo moral. NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Op. cit., §228, p. 119-121.

¹³ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, p. 30.

¹⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Op. cit., p. 119.

¹⁵ Interessante a similaridade entre as preocupações de Nietzsche e Kierkegaard no século XIX, ambos se contrapondo, de suas próprias maneiras, ao projeto iluminista. Os dois autores também podem, e talvez até devam, ser levados em consideração como um contraponto à pasteurização da subjetividade na contemporaneidade digital, como defendido, por exemplo, em: TRANJAN, A. de L. C. Kierkegaard: the ironical thinker of his – and our – times. **Revista Averso: Pensamento, Memória E Sociedade**, 2(2), p. 1-7, 2022.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Op. cit., p. 30.

¹⁷ Excelente retratação artística desse movimento de conversão do último homem em homem que quer morrer é a obra cinematográfica *Clube da Luta*, protagonizada por um exausto e insone sujeito de desempenho que, a partir de determinado momento, torna-se uma figura de pura (auto)destruição.

supera as diferentes vontades reativas, constituindo-se como um criador, profundamente afirmativo de sua vontade de poder¹⁸, essência da vida (ABM, §259). Trata-se de uma moral dos senhores não ressentidos, corajosos e satisfeitos consigo o bastante para que seu desejo seja criativo, não repressor. A essa moral, opõe-se tudo o que chamáramos de moral até Nietzsche.

4. A moral dos senhores e a moral escrava

É enganoso julgar que no indivíduo só uma vontade conduz suas ações, e que sua moral é uma só. Há uma série de matizes de ação moral que correspondem às nossas ações (ABM, §215), porque a própria noção de sujeito é um falseamento, necessário para o enunciado “eu penso”. Em vez disso, ainda como simplificação do processo, seria preciso dizer “algo pensa” (*es denkt*), de modo a fazer ser notada a independência do pensar em relação a um sujeito enunciativo (ABM, §17). É o que Deleuze e Guattari chamariam, mais tarde, de cogito esquizofrênico, que significa a existência de um discurso indireto livre, fragmentário, fruto de agenciamentos comunicativos diversos, subjacente a um eu de aparência unitária¹⁹.

A essência da ação moral consiste, para Nietzsche, nesse sentido, num conflito entre forças. Enquanto às forças ativas cabe o papel criador, às reativas é conferido, num estado são, o papel de restrição. Uma moral de senhores é uma moral caracterizada por um tipo ativo, no qual prevalecem impulsos de criação. Mas advém uma nova topologia das forças reativas, em que elas se deslocam rumo à tomada de controle, transformando a consciência em memória (má-consciência), o agir no reagir²⁰. Se o esquecimento é produtivo e criador, no sentido de que possibilita o surgir do novo pelo apagar do velho, a memória, surgida como má-consciência, é o resíduo reativo, prene de culpa ou rancor, que consome a alma dos homens e nada possibilita aos homens senão o apego ao passado (GM, II, §1). A moral da memória reativa, culpada e/ou (frequentemente *e*) rancorosa, é a moral do ressentimento.

O ressentimento não tem como fim a vingança, mas sim age através dela. É pela vingança que as forças reativas alcançam o desejo de controle, de tomada de poder²¹.

¹⁸ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Op. cit., p. 224-5.

¹⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2. Op. cit., p. 25.

²⁰ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Op. cit., p. 145-9.

²¹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Op. cit., p. 152.

Sua vontade de poder não é, assim, uma vontade criativa, uma vontade de novo ou, se quisermos novamente traçar o intertexto com os nietzschianos Deleuze e Guattari, de criação de linhas de fuga na produção desejante esquizo-revolucionária²². Ao contrário, trata-se de uma vontade de repressão do outro, de confiná-lo a limites impostos pelo próprio ressentido, de submetê-lo a uma moral arbitrária, uma tirania contra o curso natural (ABM, §188). Desejo fascista-paranoico, novamente falando com a dupla francesa.

Em certo momento da história, após um conflito longo de forças, o ressentimento prevalece (GM, I, §7). A vingança se fez através da figura do sacerdote que, pregando a penitência como expiação de uma culpa/dívida (*Schuld*) infinita que, na verdade, correspondia à materialização daquele amargo desejo de vingança (GM, II, §7). Curva-se à vontade dos homens ao desejo de poucos, convencendo-os de que esse é o bem, o certo, o justo, o de direito (GM, II, §10). Não mais a dureza, mas a suavidade. Não mais o bom (*gut*), oposto do ruim (*schlecht*), da má qualidade, mas sim o bem (*gut*) oposto ao mau (*böse*), ao cruel, ao duro (ABM, §260), que deve ser buscado nessa moral sacerdotal de aparência pia. Em nome de Deus, o sacerdote judaico-cristão faz valer a sua Vontade. Sua própria, não Dele (AC, §26).

O resultado desse empreendimento foi a preponderância absoluta da moral escrava, moral das forças reativas, sobre as ativas. Os fracos tomaram o controle e, por fracos, entendamos sempre a sua fraqueza moral de censores ressentidos, não confundindo com isso a ideia de poder político. Pelo contrário, é comum (quase necessário, como mostram Deleuze e Guattari sobre o agenciamento fascista-paranoico) que totalitários assumam essa faceta moral repressiva, reativa, vingativa²³. Não à toa o profundo repúdio de Nietzsche ao bismarckismo, ao antisemitismo e ao nacionalismo germânico²⁴.

5. Ressentimento misógino?

Ademais de sua visão nuançada sobre moral e política, uma faceta conhecida e irrecuperavelmente sombria da obra de Nietzsche é, sem dúvidas, sua visão em relação às mulheres. Considerando-as menos que superficiais (CI, I, §27), traiçoeiras, egoístas,

²² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. 2. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 366 e 514.

²³ Sobre o erro em se confundir fortes e poderosos, fracos e dominados, cf. DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Op. cit., p. 38.

²⁴ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Op. cit., p. 163.

Nietzsche soa como um grande frustrado no amor. Em sua biografia, percebe-se o sofrimento do autor por afetos não correspondidos, ainda que disfarçando com frases como a de que todas as mulheres o amariam²⁵.

A misoginia de uma quantidade de aforismos de Nietzsche já foi bem analisada, inclusive em conexão com traços biográficos²⁶. Não é impossível, porém, separarmos autor e obra. Um livro é um agenciamento enunciativo²⁷: retomando o *es denkt* e o cogito esquizofrênico, o discurso indireto-livre não constitui apenas o que chamamos indivíduo, mas também sua obra. *Es schreibt* (isso escreve). Nesse sentido, seria necessário opor Nietzsche a Nietzsche, e entender, a partir dos próprios textos que ele, essa máquina abstrata, redigiu, como superar o poço de misoginia em que tantos de seus escritos foram mergulhados. Entendamos misoginia como, antes de tudo, uma moral de ressentimento, de desejo de controle, uma longa e dolorosa repressão, ação de forças reativas fascistas-paranoicas. O próprio Nietzsche, talvez por frustrações pessoais, cedeu à tentação do ressentimento, da má-consciência, que tanto criticara. Ele mesmo confessa como vivências pessoais, lá no fundo da alma, podem se transformar em preconceitos disfarçados de teorias (ABM, §231).

Não se trata, entretanto, de uma posição absolutamente constante, o que figura justamente entre as implicações do método fragmentário de escrita. Há linhas de fuga, há *pontes*. Se um homem tem algum valor, este reside justamente em sua capacidade de ser ponte, não um fim (ZA, I, IV). Em Nietzsche não deve terminar nossa análise de gênero, mas talvez começar. Tresvalorando os valores a que ele mesmo ainda se prendia, podemos traçar as linhas de fuga por pegarmos sua flecha e apontarmos a outro lugar. O autor oferece alguns pontos de partida. Por exemplo, compreendendo que os homens tentam a todo custo aprisionar as mulheres e sua exuberante beleza, como um pássaro numa gaiola (ABM, §237a), podemos refletir sobre como uma ideia de propriedade subjaz à performática dos gêneros. E o próprio Nietzsche empreende essa reflexão sobre os papéis sociais, mais que tendências naturais, e sua constituição do gênero. “São os homens que estragam as mulheres, [...] e todas as falhas das mulheres

²⁵ Biografia de Nietzsche disponível em NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 7-13.

²⁶ Para uma dessas análises, ver: MARTON, Scarlett. **Nietzsche e as mulheres**. *A terra é redonda*, 2021. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/nietzsche-e-as-mulheres/?doing_wp_cron=1620140883.6407480239868164062500>. Acesso em 11 de setembro de 2021.

²⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 18.

devem ser expiadas e emendadas pelos homens”, diz o autor, escapando ao moralismo recriminatório a que normalmente se atrela o machismo, “pois o homem cria para si a imagem da mulher, e a mulher se cria conforme essa imagem. [...] É preciso educar melhor os homens (GC, II, §68)”. Ou seja, mesmo as mais terríveis acusações de Nietzsche às mulheres, no fundo, destinam-se aos homens, pelo que delas fizeram, pela estruturação de papéis que eles empreenderam²⁸. Há, assim, linhas de fuga evidentes, que podem ser traçadas mesmo em relação ao espantoso machismo (termo extemporâneo!) de Nietzsche.

6. As linhas de fuga de Nietzsche

Uma das mais acintosas traições intelectuais da história do pensamento foi, sem dúvida, o falseamento dos fragmentos póstumos de Nietzsche por sua irmã antisemita, colocando-o, mais tarde, a serviço do nacional-socialismo²⁹. Até os dias de hoje, Nietzsche é temido como o “filósofo louco do nazismo³⁰”, repetindo-se essa longa história de fraude até suas leituras depauperadas pela atual *Alt-right*. É uma constante a apropriação do *Übermensch* como um tipo racial, não um arquétipo moral. A crítica à moral judaico-cristã como ódio a judeus, justamente postos por Nietzsche como vítimas do logro de seus sacerdotes. Tragicômica inversão, essa das forças reativas, que repreenderam Nietzsche por ser *mau*, não *ruim*. Apesar de irônica, não é surpreendente. Trata-se de só mais uma reação à tentativa de uma filosofia afirmativa.

A inversão não é tão diametral, porém, no que diz respeito a seu posicionamento político, se considerarmos uma diagramação cartesiana da política. Nietzsche não era politicamente engajado com a esquerda, é importante não deixar transparecer isso. Sua crítica ao socialismo e à democracia, longe de se basear numa leitura cuidadosa de Marx, imputa a ambos uma moral normalizadora, niveladora, igualitária (ABM, §§202-3). Parece que, na verdade, as objeções nietzschianas ao socialismo têm muito mais traços de crítica ao socialismo utópico do que ao científico. Aqueles seriam niilistas, negando a vida presente e propondo um futuro de prazeres infinitos, ao postular um Estado perfeito, de comunhão, paz, alegria e tranquilidade a todos, mais como sonho do que como programa. Um Estado dessa natureza sequer seria, para Nietzsche, salutar ao

²⁸ Para uma análise mais aprofundada, ver VERKERK, Willow. **On Love, Women, and Friendship: Reading Nietzsche with Irigaray**. Journal: Nietzsche-Studien, 2017. ISSN: 0342-1422.

²⁹ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Op. cit., p. 16.

³⁰ Como exemplo desse tipo de leitura de Nietzsche, cf. TAHA, Abir. **Nietzsche - o profeta do nazismo**. São Paulo: Madras, 2007.

cultivo do homem. O fim de um Estado é a pacificação dos indivíduos, que não pode, porém, ser exagerada a ponto de silenciá-los, de dobrar sua vontade de poder (HH I, V, §235). Mas o autor passa longe de apontar eventuais defeitos no marxismo, por exemplo. Não chega a discutir frontalmente a teoria do valor, a crítica geral ao modo de produção capitalista, o materialismo histórico-dialético, muito distinto da dialética hegeliana³¹, tão criticada por ele.

De fato, Nietzsche não era *de esquerda*, na acepção tradicional do termo. Mas suas linhas de fuga podem e puderam ser traçadas a uma direção revolucionária. Entendendo o conceito de devir como uma emissão de partículas, uma abertura de espaços e linhas de fuga, um estabelecimento de proximidades e possibilidades³², podemos considerar que Nietzsche, mesmo não podendo ser enquadrado como propriamente um esquerdista, pode, sim, ser lido como tal e, ainda mais, ser apropriado em método e crítica. Se um autor, uma obra, é um agenciamento, ela tem valor em si, pouco importando propriamente seu autor³³. Foi o que fizeram Deleuze, Guattari, Foucault, e tantos outros, em diferentes formas de releitura, da desconstrução ao método genealógico, do pluralismo do eu à crítica à introjeção da culpa cristã, os franceses souberam ler Nietzsche. Ele não era, de forma alguma, um reacionário, propondo-se, ao contrário, a ir além, propor uma filosofia do futuro, para espíritos livres e com a audácia de pensar (ABM, §10).

7. A má leitura de Nietzsche pela *Alt-right*: um comentário quase supérfluo

A partir do que discutimos sobre Nietzsche, resta bastante evidente como ele é mal lido pela direita, que dele se apropria como um precursor “sem papas na língua”. Importante, de modo a contrariar essa leitura, listar os pontos em que, contemporaneamente, a *Alt-right*, sugere uma aproximação com a filosofia do martelo, nada fazendo, contudo, além de inverter seu sentido³⁴.

³¹ Para a distinção entre a dialética hegeliana e o materialismo histórico-dialético, cf. ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2015, 139-42.

³² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 67.

³³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 24-5.

³⁴ Em parte significativa, estes comentários são amparados em DROCHON, Hugo. **Nietzsche and the Alt-right: further adventures in the art of missing the point**. *The Philosopher*, vol. 107, no. 2: “Us and Them”.

A *Alt-right* busca (i) se afastar de um moralismo da esquerda identitária³⁵, mas acaba por cair em outro, atacando um ídolo com outro, sem superá-los: parte-se do politicamente correto ao velho apego a papéis de gênero, e em nada se evolui (pelo contrário). A liberdade de expressão, tão aclamada nos ambientes da extrema-direita, é confundida com salvo-conduto para odiar, satirizar e agredir, a partir de velhos dogmas morais, há muito ultrapassados — inclusive por Nietzsche e seus seguidores. Entre essas crenças, (ii) o machismo e o racismo situam-se entre os principais preconceitos morais adotados pela extrema-direita como um todo. Se as acusações de arianismo reputadas a Nietzsche são fruto de pura inversão mal-intencionada, sua misoginia é muito mais evidente, ainda que contenha em perspectivas de linhas de fuga, muito bem explorada pelos nietzschianos de esquerda. Ademais, salta aos olhos como a direita alternativa (iii) se inspira em Nietzsche, mas se apega à vontade de verdade que o autor tanto criticara. A ideologia das *pills*³⁶, por exemplo, inspirada no filme *Matrix*, é justamente uma pressuposição de que há uma verdade escondida, simbolizada pela *Redpill*, e que vale a pena buscá-la e de que os seus arautos, jovens fascistas viciados em fóruns digitais e seus influenciadores, foram capazes de conhecê-la, em contraste à incapacidade ou à falta de vontade de todos os estudiosos, todo o *establishment* universitário, todos os tais especialistas, reféns da *Bluepill*.

Ainda que soem risíveis os três primeiros enganos interpretativos da extrema direita digital a respeito de Nietzsche, o aspecto mais importante para, em nossa leitura, afastarmos Nietzsche da direita é justamente sua faceta política. Há um gosto pelos nietzschianos de direita, como Richard Spencer, em (iv) confundir vontade de poder em seu sentido criativo, moral, de vida (ABM, §259), com uma noção de poder político, embasando um totalitarismo de Estado forte e líder carismático, como o bismarckismo, ideais estes que Nietzsche profundamente desprezara. Ou, ainda pior, de (v) apoiar um Estado suicidário fascista³⁷, confundindo a destruição de ídolos com a destruição da própria vida. Nesse sentido, a direita alternativa é um rebanho de homens que querem morrer, que opõem um desejo de destruição ao niilismo neoliberal da virada do século XXI, do último homem. Eles se confundem com *Übermenschen*, quando ainda não

³⁵ NAGLE, Angela. **Kill all normies**. Op. cit., p. 11.

³⁶ DIGNAM, Pierce Alexander; ROHLINGER, Deana A. **Misogynistic Men Online: How the Red Pill Helped Elect Trump**. *Journal of Women in Culture and Society* 2019, vol. 44, no. 3. Chicago: The University of Chicago, 2019, p. 589-612.

³⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012

chegaram a esse estágio, porque não têm o poder criativo que seria necessário. Seu ódio não lhes permite deixar as amarras contra as quais eles mesmos se rebelam. Uma filosofia construtiva, no sentido que Nietzsche preconiza, precisa, ao contrário, de amor, que a situará além do bem e do mal (ABM, §153), com a jovialidade de uma *gaiá ciência*.

Conclusão

Ao longo desta análise, pôde-se perceber não só a série de erros interpretativos que uma leitura fascista de Nietzsche pressupõe, mas também a possibilidade de se agenciar sua obra para uma filosofia que, em sentido enfático, seja do futuro. É possível, através ou a partir de Nietzsche, traçar linhas de fuga que levem a um amanhã criativo, e ao mesmo tempo contestador de dogmas que, de uma forma ou de outra, limitaram nossa potência.

A textura aberta dos textos de Nietzsche, marcada pela fragmentaridade, é campo perfeito para o jogo do sentido. Como agenciar tal obra é, no fim das contas, a forma do desejo em questão e o Corpo sem Órgãos que ele constrói. Para muitos *sentidos* podem apontar as flechas que foram disparadas, tomando-as do chão e novamente as apontando. Queremos apontá-las contra nós mesmos, desejando nossa própria repressão, a supressão de nosso próprio desejo? Ou almejamos que a trajetória dessa flecha seja o desenhar de uma linha rumo a um novo possível? No fim das contas, é isso que está em jogo quando se lê Friedrich Nietzsche.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. 2. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIGNAM, Pierce Alexander; ROHLINGER, Deana A. Misogynistic Men Online: How the Red Pill Helped Elect Trump. **Journal of Women in Culture and Society** 2019, vol. 44, no. 3. Chicago: The University of Chicago, 2019, p. 589-612.
- DROCHON, Hugo. Nietzsche and the Alt-right: further adventures in the art of missing the point. **The Philosopher**, vol. 107, no. 2: “Us and Them”.
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.
- MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zarathustra**. Tradução e apresentação de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 7-13.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **La Volonté de Puissance**. T. I. Estabelecido por Friedrich Würzbach. Traduzido para o francês por Geneviève Bianquis. Paris: Gallimard, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: maldição ao cristianismo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O crepúsculo dos ídolos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.